

JORNAL: Journal do Brasil LOCAL: Quamabara

DATA: 24/09/1971 AUTOR: _____

TÍTULO: Ivã Serpa confessa no MIS ter sentido o gosto do azul que lembra dentifrício.

ASSUNTO: Contrarista MIS - gosto do azul e outros assuntos.

Moniz de Fajardo
nôis -

separar este artigo e juntar com o que

fala sobre o gosto das cores

MAM tem nova diretoria

Com mandato de cinco anos, foi eleita ontem a nova diretoria do Museu de Arte Moderna, que tem como presidente o Sr. Válder Moreira Sales — reeleito — e vice-presidentes o Sr. Gilberto Marinho e o Embaixador José Sette Câmara.

A diretoria é composta ainda do Sr. Pedro Pereira Filho (diretor-executivo), Sra. Eloísa Aleixo Lustosa (diretora-executiva adjunta), Embaixador José Osvaldo Meira Pena (diretor-secretário) e Sr. Fernando Wesley Quintela (diretor-tesoureiro). Os novos dirigentes do MAM tomarão posse hoje, às 12 horas.

VOTANTES

Para a eleição que teve início às 16 horas, compareceram os seguintes conselheiros: Embaixatriz Elba Sette Câmara e Maria Martins, Sr. Jorge Carvalho Brito Davis, Sr. Lauro Salazar Regueira, Sra. Niomar Moniz Sodré Bittencourt, Sr. Aluísio Sales, Sr. Juscelino Kubitschek, Sr. Aluísio de Paula, Sr. José Simeão Leal, Sr. Jaime Maurício, Embaixador Paulo Carneiro, o Governador Chagas Freitas, Sr. Antônio Moniz Viana, Sr. José Eugênio de Macedo Soares, Sr. Luís Gonzaga Nascimento, Deputado Flexa Ribeiro, Sr. Ivo Pitanguí, Sr. Rui Gomes de Almeida, Sr. José Colagrossi Filho, e Sra. Anita Sousa Costa de Toledo.

Faltaram os conselheiros Alim Pedro, Antônio Galotti, Edmundo Moniz, Gustavo Capanema, Hélio Jaguaribe, Márcio Melo Franco Alves, Maurício Nabuco, Pedro Pereira Filho e Vladimir Murtinho.

Ivã Serpa confessa no MIS ter sentido o gosto da cor azul que lembra dentifrício

O pintor Ivã Serpa revelou ontem que há quatro meses sentiu, pela primeira vez, o sabor da cor azul, confirmando para surpresa dele o que lera num livro do pintor Kandinski. "Pensei tanto no azul que senti na boca uma sensação pastosa, algo como dentifrício", disse ele.

Em seu depoimento no Museu da Imagem e do Som, o pintor disse que tomou esta degustação do azul como um sinal de que já era tempo de voltar à pintura a óleo, com cores, abandonada durante uma longa fase dedicada a desenhos eróticos, em preto e branco.

Emoção

O crítico Jaime Maurício, um dos entrevistadores, mostrou uma certa descrença e quis ir mais fundo:

— Escuta, Ivã. Não é qualquer coisa igual a sentir o vermelho quando a gente arranca um dente?

O pintor nem pensou para responder:

— Nada disto. O estímulo é interior. Quando senti aquele gosto eu sabia que era azul. Um dia espero co-

nhecer o sabor do verde, do vermelho...

Ivã Serpa nasceu em 1923, na Tijuca, e pinta há 25 anos. Seu primeiro professor foi Lescocheski, que também ensinava para Almir Mavignier, Fayga Ostrower, Décio Vieira, Sheila e Anísio Medeiros. O primeiro prêmio importante foi o de Melhor Pintor Jovem Nacional, na Bienal de 1951.

Dificuldades

Para concorrer a esta Bienal, Ivã Serpa contou com um auxílio de Cr\$ 1,00, dado pelo crítico Mário Pedrosa, "única forma para poder comprar tintas e telas", disse ele lembrando um período difícil, bem distante de seu atual sucesso, que lhe permite vender quadros por Cr\$ 10 mil e até recusar ofertas de Cr\$ 30 mil por telas a que atribui valor estimativo.

Nos primeiros anos de sua carreira, Ivã não esperava poder viver da pintura: "Eu preferia até ganhar

dinheiro em outra atividade para poder fazer uma pintura sem concessões", disse ele.

Um breve período numa agência de publicidade (1949), seguido de 14 anos no Departamento de Restauração de Livros da Biblioteca Nacional (1950-1964), de onde saiu por aposentadoria.

— Eu gostava tanto deste trabalho que acabei sofrendo de uma doença cardíaca por causa da impregnação por acetato de celulose, explicou o pintor.

A destruição

No trabalho com livros velhos, Ivã Serpa conheceu o *anôbio*, cupim que ataca o papel, usado em muitos de seus quadros como símbolo da destruição que espera todas as coisas, "mesmo as glórias passageiras, que não troco pela autenticidade", disse ele.

Nem sempre a destruição era apenas um fantasma para Ivã. Em 1963 e 64 ele pintou uma sucessão de monstros, conhecidos como *A Fase Negra*; esta fase lhe custou muitos amigos, que

o acusavam de ter renegado o concretismo. Ivã se justificou assim:

— Naquela época vivi momentos de angústia, preocupado com as bombas nucleares, que a ameaçavam com o surgimento de novos seres, deformados pelas radiações. Minhas figuras são formadas de pedaços de corpos de homens e mulheres, ordenados de forma absurda, que representavam uma visão que me ocorria sempre. Eu só posso pintar o que sinto.

Erotismo

Jaime Maurício lembrou em seguida que a fase atual do pintor é voltada para o erotismo, rocheada de seios e órgãos genitais, e perguntou se ela também representava uma necessidade interior.

Ivã, de início, saiu pela tangente, dizendo que "erotismo é válido quando autêntico; quando deixa de ser, vira pornográfico."

— Mas você tem alguma sensação física quando faz quadros eróticos? — insistiu um repórter.

— Bom, inconscientemente creio que sim, ad-

mitiu Ivã que revelou ter uma coleção de desenhos eróticos que não vende por dinheiro algum "porque é apegado a eles."

Ivã disse que seus quadros eróticos têm compradores certos, que arrematam grandes lotes para mantê-los fechados a sete chaves, sem exibi-los para ninguém. Para ele, este tipo de colecionador é bem melhor do que o que compra quadros só para combinar com o sofá ou outras peças da decoração:

— Prefiro os que escondem aos que ostentam.

instituto de arte contemporânea

JB 24-9-71 1.10